

TÓ

REVISTA DE
PSICANÁLISE

PI
CA



N.13

ANO 13
NOVEMBRO.2025
MACEIÓ.AL
BRASIL

ISSN 1980-8992

“TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO ‘TOPOV’, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,
POR ZEFERINO ROCHA

PRESIDENTE

Lenilda Estanislau
Soares de Almeida

VICE-PRESIDENTE

Fernando Barbosa de Almeida

TESOUREIRA

Maria Edna de Melo Silva

SECRETÁRIA

Maria do Socorro Tenório
Neto C. Alves

**COORDENADORA DA
COMISSÃO DE FORMAÇÃO
PSICANALÍTICA**

Nádima Carvalho
Olimpio da Silva

**COORDENADOR DA COMISSÃO
CIENTÍFICA**

Ana Lucila Barreiros B.de Araújo

**COMISSÃO CIENTÍFICA E
EDITORIAL**

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo
Heliane de Almeida Lins Leitão
Nidyanne Porfirio da S. Pires
Ruth Vasconcelos Lopes Ferreira

**COORDENADORA DA COMISSÃO
DE COMUNICAÇÃO**

Stella Maris S. Mota

**PROJETO GRÁFICO/
DIAGRAMAÇÃO**

Estúdio Grão
estudiograo.com

FOTO DE CAPA

Michel Rios



ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do Grupo
Psicanalítico de Alagoas (GPAL).

R. Dr. Ciridião Durval, 47 - Parque Gonçalves Lêdo, Farol
CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

www.gpal.com.br

gpalmaceio@hotmail.com

@gpalmaceio

GOZO: UM CONCEITO LACANIANO¹

LENILDA ESTANISLAU

Psicóloga formada pela FAFIRE (Faculdade de Filosofia do Recife),
psicanalista e membro do GPAL.

RESUMO

Gozo é um conceito central na psicanálise contemporânea. Este artigo tem como objetivo discutir essa noção, fundamental para a compreensão da Clínica do Real ou da Segunda Clínica de Lacan, ainda que de difícil definição. Para isso, será feito um breve percurso por textos freudianos, a fim de destacar alguns dos fundamentos que permitiram a Lacan desenvolver, posteriormente, sua elaboração sobre o gozo.

Palavras-chave: Gozo; pulsão de morte; Supereu; Clínica do Real.

RÉSUMÉ

La jouissance est un concept central dans la psychanalyse contem-

poraine. Cet article a pour objectif de discuter cette notion, essentielle pour la compréhension de la Clinique du Réel ou de la Seconde Clinique de Lacan, bien qu'elle soit d'une définition difficile. Pour ce faire, un bref parcours à travers des textes freudiens sera proposé, afin de mettre en évidence certains des fondements qui ont permis à Lacan d'élaborer, par la suite, sa conception de la jouissance.

Mots-clés: Jouissance ; pulsion de mort ; Surmoi ; Clinique du Réel.

¹ Trabalho apresentado na 14ª Jornada do GPAL com o tema *Por uma psicanálise implicada com o sofrimento contemporâneo* realizada em dezembro de 2024 em Maceió.

[...] é a reconstituição completa da história do sujeito, que é o elemento essencial, constitutivo, estrutural, do progresso analítico.

Lacan (1986, p. 21).

Gozo é um conceito central na psicanálise contemporânea. Os estudos sobre a teoria do inconsciente, a sexualidade e a ética permitem vinculá-lo a questões urgentes, como a drogadição, as psicoses, as formas atuais da angústia e o debate em torno das perversões.

Embora Freud não o tenha formulado como um conceito próprio de sua teoria, o termo aparece em seus escritos – e também em Lacan dos primeiros tempos – como sinônimo de prazer extremo, alegria intensa, júbilo, êxtase ou volúpia. Braunstein (2007, p. 12) observa que Freud recorreu ao termo *Genuss* (traduzido como gozo) para designar essas experiências de intensidade, enquanto reservou *Lust* para nomear o prazer. Para Valas (2001, p. 25), a diferença entre eles está justamente no caráter excessivo do primeiro (*Genuss*) em relação ao segundo (*Lust*).

Geralmente usamos a palavra gozo para nos referirmos à sua significação comum, aquela do dicionário: um sinônimo de prazer. É importante diferenciá-la, no entanto, de seu conceito na psicanálise. Nessa acepção, o gozo pode aparecer tanto como um excesso intolerável do prazer, quanto como uma manifestação do corpo mais próxima da tensão extrema, da dor e do sofrimento (Braunstein, 2007,

p. 12). Entre esses dois sentidos, o comum e o psicanalítico, há sempre uma passagem sutil, quase imperceptível, de um para o outro.

O objetivo deste artigo é discorrer sobre esse conceito, imprescindível para se entender a Clínica do Real ou a Segunda Clínica de Lacan, e de difícil definição.

[Conceituá-lo] é uma tarefa impossível, pois o gozo, sendo do corpo e no corpo é da ordem do inefável, já que paradoxalmente somente pela palavra pode ser circunscrito, indicado. O gozo é o que escorre do discurso, mas contudo esse inefável é a substância mesma do que se fala ao longo de uma análise [...] (Braustein, 2007, p.12).

Como mencionado, Freud não conceituou o gozo em sua teoria, mas delimitou seu campo, situando-o além do princípio do prazer. Lacan avançou nessa questão: “*eis porque podemos conceber que o prazer seja violado em sua regra e seu princípio, porque ele cede ao desprazer. Não há outra coisa a dizer – não forçosamente à dor, e sim ao desprazer, que não quer dizer outra coisa senão gozo*” (La-

can, 1992, p. 81). Faremos um breve percurso por textos freudianos para destacar alguns dos fundamentos que possibilitaram a Lacan, posteriormente, desenvolver o conceito de gozo.

Em *Além do Princípio do Prazer*, escrito em 1920, Freud define que o funcionamento do aparelho mental é regido por um princípio regulador denominado Princípio do Prazer – que tem a função de buscar o prazer e evitar o desprazer, ou seja, fazer com que a quantidade de excitação permaneça a mais baixa possível. Ele vê a importância desta formulação, mas diz “*que existe na mente uma forte tendência no sentido do princípio do prazer, embora essa tendência seja contrariada por certas ‘forças circunstanciais’*” (Freud, 1996, p. 19). Freud (1996) também aponta que há fenômenos que não eram explicados por esse princípio: “*o paciente não pode recordar a totalidade do que nele se acha recalcado, e o que não lhe é possível recordar pode ser exatamente a parte essencial*” (p. 29)

Com seus pacientes, Freud já observara que o objetivo de tornar consciente o material inconsciente jamais seria completamente alcançado. Na clínica, vemos que quando não é possível recordar, o sujeito só pode repetir. Existe algo na repetição que não é da ordem do prazer. O que é repetido é justamente o doloroso, mostrando-se incompatível com o princípio do prazer.

Então, diante desse impasse, Freud considera como a tendência à compulsão da repe-

tição sobrepuja e excede o princípio do prazer. Encontramos essa observação a partir do estudo feito em relação aos sonhos reiterados e nas brincadeiras que as crianças não se cansam de repetir. Ele exemplifica o brincar infantil (*fort-da*) com a conhecida situação de seu neto de um ano e meio que usava o jogo do carretel para representar o desaparecimento e o retorno da mãe que certamente não era prazeroso para o bebê. O desaparecimento da mãe é doloroso e é repetido no brincar. É a partir da noção de compulsão de repetição que Freud reconhece não ser mais possível manter a suposição de que o aparelho psíquico é governado somente pelo princípio do prazer. Conclui afirmando que a compulsão de repetição é algo “*mais primitivo, mais elementar e mais pulsional que o princípio do prazer que ela domina*” (Freud, 1996, p. 34). A partir de então tem-se a elaboração da pulsão de morte na teoria psicanalítica.

Freud introduz um novo dualismo pulsional que é formado pela oposição entre pulsão de vida (pulsão sexual e de autoconservação) e pulsão de morte (autodestruição e agressividade) encontrando novas respos-

tas à clínica psicanalítica. No texto de 1924, *Problema econômico do masoquismo*, Freud diz que a pulsão de morte é abrandada pela libido, que tem a incumbência de tornar inofensiva a pulsão destruidora. Essa ideia ilustra que as pulsões de vida e de morte se apresentam, na quase totalidade dos casos, de maneira amalgamada. Não há exata explicação sobre esse amansamento da pulsão de morte pela libido. Pode-se presumir que em certos momentos possa ocorrer uma desfusão da pulsão de vida e da pulsão de morte.

Lacan (1979), no *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, afirma que o último termo de toda pulsão é a morte. A respeito desse ponto, Valas (2001) observa que:

A pulsão de morte seria redefinida por Lacan como sendo uma pulsação de gozo que insiste na repetição da cadeia significante inconsciente. O prazer e o gozo não pertencem ao mesmo registro. O prazer é uma barreira contra o gozo, que se manifesta sempre como excesso em relação ao prazer, confinando com a dor (p.7).

Segundo Braunstein (2007) “a pulsão de morte é a pulsão, pura e simples [...]. A substância verdadeira da pulsão de morte está do lado do gozo, da dor, da façanha” (p. 48-52). É com a acepção de pulsão de morte que Lacan irá constituir posteriormente o conceito de gozo como central em sua obra. A repetição

coloca em ato a pulsão de morte que passa a exigir satisfação e se opõe à lógica do desejo inconsciente.

Para compreender o conceito de gozo, é fundamental abordar o supereu. Laplanche e Pontalis (2001), destacam que Freud introduz o termo (supereu) para designar “uma instância que se separou do eu e parece dominá-lo”, (p. 498). Segundo Gerez-Ambertín (2003, p. 102), só podemos estudá-lo levando em conta os paradoxos da relação do sujeito com a instância paterna. Sobre isso, Gisela Rabelais (2012) explica que:

Ao mesmo tempo em que o supereu ordena ser como o pai, ele o proíbe. Não a meios para o eu atendê-lo, ficando-se sem saída. Ao ordenar o impossível de maneira imperativa, vemos que o supereu traz consigo uma lei contraditória por si só e, dessa forma, produz grandes aflições, produzindo um sentimento de culpa mesmo sem que o sujeito tenha cometido qualquer falta. Gera dor e o mantém preso nas amarras da culpa (p. 32).

No texto *Luto e Melancolia*, de 1915, o supereu vem a se constituir

como a sede do ideal do eu e agente controlador do eu para que este possa se manter à altura de seu ideal. Por outro lado, Freud o define como um tirano, tão amoral e cruel quanto o Isso. De acordo com Gerez-Amber-tín (2003):

Trata-se [o supereu] de uma instância enigmática enlaçada aos complexos de Édipo e de Castrição. Embora ele seja constituído a partir da resolução das tramas edipianas, é um equívoco considerar o supereu apenas o herdeiro do complexo de Édipo, ele é também herdeiro do Isso o que faz com que ele não examine a realidade propriamente dita no momento de realizar seus julgamentos, o que está em jogo de fato são as vicissitudes da pulsão (p. 109).

Ao falarmos sobre os conceitos de repetição, além do princípio do prazer, pulsão de morte, masoquismo e supereu, nos aproximamos de entender quais foram as bases da teoria psicanalítica que permitiram a elaboração do conceito de gozo. Lacan (2008) articula a exigência e uma satisfação mortífera extraída pelo sujeito dessa exigência imperativa. Ele afirma que o imperativo do supereu é goze!: “*Nada força ninguém a gozar, senão o supereu. O supereu é o imperativo do gozo – Goza!*” (Lacan, 2008, p. 110). Há uma dimensão feroz e tirânica que é causa de grande angústia e de ações inteiramente insensatas.

Para exemplificar o conceito de gozo traremos alguns recortes de um caso de um jovem atormentado com alguns pensamentos: “os pensamentos sempre me vêm para me sentir culpado, sempre tenho que pensar que fiz algo errado”; “tem uma garota, eu sei que não estou tarando ou pensando nela, mas o pensamento invade dizendo que eu olhei para o corpo dela e que eu estou errado e devo contar para a minha namorada”; “fui ver o Instagram do meu primo e tinha uma foto dele com a namorada. Então vem os pensamentos intrusivos, fiquei pensando: eu olhei o bumbum dela e isso não está certo”. Segundo Valas (2001):

O desejo está ligado à Lei de interdição do incesto (consubstancial às leis da linguagem), que proíbe o gozo ao sujeito falante – e aliás, é por isso que ele pode ter acesso ao uso da palavra. Mas, ao mesmo tempo, o gozo só começa a existir e só nos interessa a partir do momento em que falamos dele. E pelo ato da palavra, ele sofrerá uma profunda modificação (p.8).

Enfim, o gozo é vivido mais como sofrimento que como prazer e se

inscreve de modo singular em cada corpo, escapando a qualquer medida comum (Rabelais, 2012, p. 43). Finalizaremos com uma citação de Valas (2001): “*A psicanálise não é o mundo do ser nem das coisas, mas do desejo e do gozo, e é pelo desejo e pelo gozo que a existência humana assume o seu caráter de drama. Sem o desejo e sem o gozo, as noções de vida e de morte não teriam nenhum sentido.*” (p.8).

REFERÊNCIAS

- Braunstein, Néstor (2007). *Gozo*. São Paulo: Escuta.
- Freud, Sigmund (1996). Além do princípio do prazer. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, Sigmund (1996). Problema econômico do masoquismo. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, Sigmund (1996). Pulsões e suas vicissitudes. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Gerez-Ambertín, Marta (2003). *As vozes do supereu*. São Paulo: Cultura Editores Associados, Caxias do Sul: EDUCS.
- Lacan, Jacques (1986). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-54)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1975).
- Lacan, Jacques (1979). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, Jacques (1992). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1969-70).
- Lacan, Jacques (2008). *O Seminário, livro 20: Mais, Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1972-73).

Laplanche, Jean & Pontalis, Jean-Bertrand (2001). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Rabelais, Giselle Wendling (2012). *A devas- tação na relação mãe e filha como efeito do gozo feminino*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Valas, Patrick (2001). *As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Fontes : Família Gotham e Leitura News
Maceió, novembro de 2025
Publicado originalmente em novembro
de 2025 em www.gpal.com.br



